



FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA

Trabalho de Culminação de Estudos

Representações de mulheres sobre a pesca artesanal na cidade de Maputo, Moçambique

Candidata: Mita Moanlal Mangalal

Supervisora: Doutora Margarida Paulo

Maputo, Maio de 2021

Representações de mulheres sobre a pesca artesanal na cidade de Maputo, Moçambique

Trabalho submetido ao Departamento de Arqueologia e Antropologia como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciatura em Antropologia na Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane.

A Candidata:

(Mita Moanlal Mangalal)

A Supervisora

O Presidente

O Oponente

Maputo, Junho de 2021

Declaração de honra

Declaro que este relatório de pesquisa é original. Que o mesmo é fruto da minha investigação estando indicadas ao longo do trabalho e nas referências as fontes de informação por mim utilizadas para a sua elaboração. Declaro ainda que o presente trabalho nunca foi apresentado anteriormente, na íntegra ou parcialmente, para a obtenção de qualquer grau académico.

A candidata

(Mita Moanlal Mangalal)

Maputo, Junho de 2021

Dedicatória

Dedico este trabalho a minha mãe Carlota Fabião Pelembe e ao meu marido Ivan Sérgio Alberto Varela pelo incentivo que sempre me deram, suporte e motivação dados durante esse percurso todo da minha vida.

Agradecimentos

Agradeço a Deus por ter-me concedido saúde, sabedoria para chegar até ao final de mais um desafio em minha vida.

A Universidade Eduardo Mondlane e seus gestores que com muito esforço criaram condições físicas e técnicas para que pudesse concluir o curso com maior comodidade, qualidade e sucesso.

Deixo um agradecimento especial a minha supervisora Doutora Margarida Paulo por ter aceite trabalhar comigo e pela dedicação do seu escasso tempo ao meu projecto de pesquisa. Com a minha supervisora aprendi o verdadeiro sentido de seriedade e celeridade na matéria que juntos tratamos durante a realização deste trabalho, que só se alcança sucesso, quando nos focamos essencialmente nos objectivos traçados. Aprendi também com a minha supervisora a ser pontual, assídua nas respostas as suas recomendações durante a elaboração deste trabalho, o que despertou em mim o sentido abnegado de responsabilidade quanto as várias actividades que estou inserida.

A todo o Corpo Docente do curso de Antropologia, da Universidade Eduardo Mondlane, Faculdade de Letras e Ciências Sociais pela elevada qualidade meritória de ensino e dedicação na transmissão dos temas eleitos para o curso.

Aos meus informantes vão os meus agradecimentos pelo tempo despendido em partilhar suas experiências comigo, porque sem eles este trabalho seria meramente teórico no lugar de estar agregado as duas componentes: prática e teórica.

Aos meus colegas de turma de Antropologia (2014) pelos anos de convivência. Aos meus amigos que conquistei durante a faculdade, desde já expresse meu profundo agradecimento.

A minha família por sempre me incentivar em tudo o que faço, principalmente, a minha mãe Carlota Pelembe e a minha irmã Sarita Mangalal por todo esforço investido na minha educação, muito obrigada. Ao meu marido Ivan Sérgio Alberto Varela agradeço pela paciência, compreensão porque além de cuidar da manutenção do nosso lar, enquanto eu permanência ocupada com este trabalho foi capaz de me incentivar todos os dias a realizar este sonho.

A todas as pessoas que directa ou indirectamente, colaboraram para o sucesso deste trabalho, o meu muito obrigado!

Abreviaturas

IDEPA Instituto Nacional de Desenvolvimento da Pesca e Aquacultura

FPME Fundo para Promoção de Mulheres Empreendedoras

ProPESCA Projecto de Promoção da Pesca Artesanal

CCPC Conselho Comunitário de Pesca de Costa do Sol

UEM Universidade Eduardo Mondlane

Resumo

O presente trabalho versa sobre as *Representações de mulheres sobre a pesca artesanal¹ na cidade de Maputo, Moçambique*. O trabalho analisa as representações que homens e mulheres fazem sobre a pesca, no bairro da Costa do sol na cidade de Maputo. Com base numa abordagem qualitativa o trabalho adoptou observação participante e entrevistas semiestruturadas direccionadas aos pescadores.

Os resultados da pesquisa mostraram que o início da actividade de pesca artesanal entre os pescadores é marcado pela busca de condições para o suprimento de necessidades da família. A motivação que inclui vários processos como, ter nascido no local onde as actividades decorrem, mas também pela transmissão do conhecimento de geração em geração. No seu processo de interacção os pescadores constroem laços de amizade e relações de trocas comerciais, que os garantem a obter o pescado mesmo sem dinheiro. As mulheres consideram a sua presença na pesca artesanal como importante e complementar para actividade, dado ao facto de que, sem as mulheres os pescadores não teriam dinheiro para suprir suas necessidades, e sem os pescadores as mulheres não teriam o que fazer.

Assim sendo, este trabalho conclui que a pesca artesanal não é apenas desempenhada por homens mas também por mulheres que são mães, esposas, viúvas e que também são pescadoras no bairro dos pescadores na Costa do Sol. Estas mulheres consideram-se pescadoras na medida que, mas do que comercializar o pescado afirmam que também actuam como pescadoras pedestres, ao caminhar a beira do mar em busca do peixe.

Palavras – Chave: Pesca artesanal, Género, Costa do Sol, Maputo, Moçambique.

¹ *Kuhocheta Kutsewa* significa pesca artesanal nas línguas Xishangana e Xironga faladas no sul de Moçambique.

Índice

Declaração de honra.....	i
Dedicatória	ii
Agradecimentos	iii
Abreviaturas.....	iv
Resumo	v
1. Introdução	2
2. Revisão de literatura	4
2.1. Definição de conceitos	9
2.2. Problemática	10
3. Metodologia.....	12
3.1. Constrangimento e superação.....	14
3.2. Considerações éticas	15
3.3. Área do estudo	15
4. Início da actividade da pesca artesanal.....	18
4.1. Motivação para entrar na actividade de pesca artesanal	22
4.2. Relacionamento entre homens e mulheres na pesca artesanal	26
4.3. Mulheres na pesca artesanal	28
4.4. Desafios da pesca artesanal	30
5. Considerações finais	34
Referências bibliográficas.....	35
Apêndices	38

1. Introdução

Neste trabalho de culminação do curso, pretendo analisar as representações, a presença das mulheres na pesca artesanal actividade e as interpretações e representações de género que existem dentro da actividade pesqueira. Também pretendo abordar sobre o apoio que o Estado tem dado para as mulheres empreendedoras no ramo da pesca artesanal. Concretamente as actividades levadas a cabo pelo Instituto Nacional de Desenvolvimento da Pesca e Aquacultura (IDEPA), no âmbito do fundo para promoção de mulheres empreendedoras (FPME).

A ideia de realizar este trabalho surge pelo facto de eu ter passado maior parte da minha infância no bairro da Costa Sol, onde tinha um contacto diário com as actividades pesqueira, por parte de familiares, vizinhos e conhecidos. Na minha infância frequentava a praia na companhia de amigos onde ajudávamos os vendedores e as pescadoras a transportar o pescado em troca de alguma quantidade de peixe, o qual entregava a minha mãe.

Por outro lado, o interesse em estudar assuntos de género, foi uma das razões pela qual optei por esse tema. A questão de relações de género na pesca artesanal sempre constitui uma área de interesse, pois me lembro que durante a minha infância eu e meu grupo de amigas sempre ajudávamos as mulheres, e meus amigos estavam sempre com os homens que eram os pescadores. A minha mãe faz parte de uma rede de amizades de mulheres que vivem com base na pesca artesanal e a falta de materiais para pesca ou de recursos para melhor conservação e venda dos peixes, sempre constitui uma preocupação para minha mãe e sua rede de amizades.

Essa sequência de eventos da minha infância e do meu presente enquanto estudante de antropologia interessada em estudos de género e simultaneamente estagiária do Instituto Nacional de Desenvolvimento da Pesca e Aquacultura (IDEPA) foram factores determinantes para a escolha deste tema.

Objectivos do estudo

Geral

- Analisar como homens e mulheres desenvolvem a pesca artesanal.

Específicos

- Identificar as motivações que levam homens e mulheres a entrarem na pesca artesanal;
- Descrever a interação entre homens e mulheres na pesca artesanal;
- Descrever o perfil das mulheres envolvidas na pesca artesanal.

Pergunta de Partida

Que motivações actuais homens e mulheres atribuem a pesca e que impacto a pesca traz para as mulheres?

Justificativa

Envergo nesse tema por ser novo, actual e de grande importância, principalmente nas comunidades costeiras. Nesta área a mulher vem ganhando destaque o que me despertou interesse em perceber e aprofundar sobre o tema.

Na cidade de Maputo, para além da praia da Costa Sol, a Catembe é outro local de pesca artesanal com mulheres que beneficiam deste fundo de apoio do IDEPA. Entretanto optei por escolher a cidade de Maputo, porque quero realizar este estudo na praia da Costa Sol dada a relação de proximidade (geográfica) e afinidade que tenho com o espaço.

Uma vez que a literatura sobre a pesca artesanal considera a actividade como sendo praticada pelos homens com ajuda das mulheres, torna-se importante para antropologia porque, é um tema que foi pouco explorado na antropologia tendo como foco principal as mulheres. Portanto, sendo uma prática que contribui para a organização social, a mesma será um contributo na medida em que pretendo compreender as dinâmicas das relações sociais construídas entre homens e mulheres na pesca artesanal e as representações que as mulheres dão a sua presença nessa prática.

O tema tem grande repercussão na sociedade moçambicana porque a mulher vem ganhando destaque na pesca nos últimos anos. Uma vez que o sector da pesca constitui uma prioridade para o governo no combate a pobreza. Portanto, a pesquisa será importante para Moçambique porque, ajudará no desenho de políticas públicas que agregam e reconhecem o papel e lugar da mulher na pesca artesanal.

2. Revisão de literatura

A pesca artesanal é uma actividade tradicional que desempenha um importante papel histórico, social e económico, como actividade produtiva em grande escala ou como actividade de subsistência e vários contextos. Desde a sua introdução como actividade a partir do séc. XVII esta actividade sempre esteve tradicionalmente ligada aos homens, à presença da mulher naquele local era interdita, e só se fez sentir com o desenvolvimento de actividades como a comercialização do pescado, confecção e o cuidado com os instrumentos utilizados pelo homem na realização da actividade (Motta-Maués 1999; Martins et al. 2016; Beck 1991; Rodrigues et al. 2018; Fonseca et al. 2016).

Mulheres sobre a pesca artesanal no mundo

Na antropologia, os estudos sobre as mulheres na pesca artesanal destacam-se duas perspectivas. A primeira analisa o papel da mulher na actividade pesqueira focando o papel que as mulheres atribuem a actividade (Borgonha et al. 2008; De Melo et al. 2009; Fonseca et al. 2016; Motta-Maués 1999). Esta explora o papel que as mulheres atribuem as actividades que desempenham na pesca artesanal e como estas são vistas na sociedade e pelas instituições políticas; dado que desde a sua introdução esteve ligada ao homem, em vários casos dos estudos revistos, a mulher não é vista como pescadora, mas como ajudante ou acompanhante do pescador.

A segunda perspectiva analisa a actividade da pesca artesanal como uma alternativa para a geração de rendimento familiar (Cabral et al. 2009; Rodrigues et al. 2018; Beck 1991; Martins 2016). Esta perspectiva explora as alternativas adoptadas pelas mulheres para suprir as necessidades familiares, uma vez que grande parte das mulheres pescadoras estudadas não tem companheiro, desempenha o papel de mãe e pai.

Capellesso e Cazella (2011), através de entrevistas com pescadores, demonstram que na pesca artesanal a relação com a natureza pouco transformada é intensa, existindo dificuldades para estabelecer o controlo antrópico sobre os recursos, dada a fluidez dos recursos pesqueiros. Essas contingências naturais exigem adaptações dos pescadores às distintas condições do meio, explicando parcialmente as diferenças técnicas e socioculturais entre as diversas comunidades

pesqueiras. A incorporação de motores nas embarcações, o uso de redes de material sintético (nylon) e a venda da produção fresca às indústrias pesqueiras transformaram qualitativamente a pesca artesanal que antes tinha dificuldades de encontrar destino a maiores volumes de pescado e produzia as matérias-primas e instrumentos de captura. As pescarias artesanais nas lagoas são realizadas individualmente ou em dupla, no mar, na maioria das vezes, ocorrem de forma colectiva.

Borgonha et al. (2008) analisa o papel desempenhado pelas mulheres na actividade pesqueira na Ilha de São Francisco do Sul e Santa Catarina. As autoras basearam-se nas conversas informais e observações directas, e os resultados do estudo mostraram que a actividade da mulher na pesca artesanal está estendida ao longo de toda a cadeia produtiva pesqueira e só com o passar do tempo é que a sua actividade ganhou reconhecimento no sector. Mesmo assim, o reconhecimento do seu papel acontece a nível familiar e local, sendo que a nível institucional o papel da mulher é de acompanhante, por se restringir apenas as actividades que estão vinculadas à venda de pescado na casa do pescador. As autoras concluíram que se há o não reconhecimento formal de postos efectivos de trabalho para as mulheres, há também a actuação de cada uma delas como mulher de pescador, exercendo as funções do trabalho doméstico e da educação dos filhos no espaço da casa e da mulher-pescadora, investindo contra o mar forte e buscando espaços de actuação profissional e de sobrevivência.

De Melo et al. (2009) reflectem sobre o significado e as estratégias de sobrevivência que as pescadoras têm utilizado para garantir a sobrevivência e a reprodução de suas famílias. Com base nas entrevistas com questionários, oficinas e observações, os resultados mostraram que, o autor salienta que existe uma ambivalência quanto ao significado de pescadora por parte das mulheres, porque para umas serem pescadoras não é apenas pescar no mar, estuários, rios e mangues, mas também é produzir e consertar apetrechos de pesca, beneficiar e comercializar o pescado. Já para as outras só é pescadora quem pesca. Por isso, que o significado do que é ser pescadora entre elas, mesmo exercendo durante toda a vida esta actividade quase sempre se identificaram como donas de casa. As autoras concluíram que a influência que a divisão social de trabalhos tem na actividade pesqueira fomenta a desigualdade social e torna ainda mais invisível a valorização da mulher na actividade pesqueira por isso, que os trabalhos que são desempenhados pelas mulheres na actividade pesqueira são vistos apenas como ajuda ou até mesmo obrigação.

Entrando mais a fundo na questão da divisão social de trabalho Motta-Maués (1999) ao analisar a questão de género na literatura antropológica sobre as comunidades pesqueiras no Brasil. A partir da revisão bibliográfica a autora constatou que a presença da mulher na pesca artesanal é marcada pela invisibilização, que marca uma delimitação no espaço de actuação do homem e mulher na pesca, sendo que o mar é espaço do homem e a terra da mulher. As mulheres inseridas na pesca artesanal se sentem corajosas e guerreiras, porque participam nas actividades e se mostram conscientes da importância que o seu papel têm para a pesca e para a gestão do lar, mas na prática, não se sentem reconhecidas ou valorizadas pela comunidade e as instituições públicas. Assim, entende-se que a questão da divisão social de trabalho extrapola o campo de actuação em contextos que vivem da actividade pesqueira, como é o caso das comunidades pesqueiras no Brasil, ao definir o espaço de actuação do homem e da mulher na actividade pesqueira.

Segundo Cabral et al. (2009) ao analisar o redimensionamento do valor do saber, da identidade, da reprodução social e da condição de trabalhadora das mulheres da pesca, baseado nas entrevistas com questionários e oficinas sobre género e segurança alimentar, as autoras constataram por um lado, que a inserção na actividade pesqueira é definido pelo facto de não ter companheiro, isto porque, as mulheres com companheiro têm poucas possibilidades de engrenar na actividade pesqueira pelo facto do próprio companheiro entender que a actividade da mulher é cuidar do lar, diferente das que não têm companheiro, porque a actividade pesqueira constitui-se como uma alternativa para suprir a renda familiar, pagar escola dos filhos. Mas por outro lado, a sua actividade ou o seu pescado é considerado produto de segunda, em detrimento do pescado pelo homem, a chamada pesca industrial, o que culmina com a falta de reconhecimento da profissionalidade das mulheres.

Rodrigues et al. (2018) olha para a pesca artesanal como uma actividade produtiva orientada na busca de sustento da família através da comercialização do pescado e consumo. Os autores basearam-se em pesquisa bibliográfica, técnicas de observação de campo e entrevistas semiestruturadas, e os resultados obtidos mostraram que a presença da mulher a actividade é minada pela dificuldade das questões de género no acesso a direitos, devido ao facto destas não se reconhecerem como pescadoras, mas também pelo facto do Estado não as reconhecer como pescadoras. Durante muito tempo a actividade da pesca foi associada ao homem e a inserção da

mulher nesta área no desempenho das actividades de reprodução associada a pesca, efectuadas fora do mar, as vezes nas casas é tido como uma extensão a actividade de cuidar de casa. Neste caso, os autores concluem que, sendo que grande parte das mulheres inseridas na pesca artesanal não tem companheiro, percebe-se que a sua presença tem a finalidade da busca de alternativas para o suprimento das necessidades diárias da família.

A partir de um estudo feito no litoral de Santa Catarina, Beck (1991) analisa o lugar da mulher nas comunidades pesqueiras e as representações por elas produzidas. A autora baseou-se em entrevistas e os resultados mostraram que a comunidade e as demais instituições públicas não reconheçam o papel da mulher na pesca, esta desempenha um papel preponderante na reprodução, uma vez que por via da construção e transmissão de saberes aos membros da família garante a continuidade da actividade pesqueira, pois os filhos quando crescem substituem a mãe nas actividades e geram rendas através da pesca para o consumo e comercialização. Com isso, pode se concluir que, a presença da mulher nesta comunidade torna a pesca uma actividade geracional, onde as técnicas, as actividades, o lugar, ou seja, o modus operandi é ensinado, transmitido, inculcado para os filhos desde criança, tornando se assim, uma tradição e, sobretudo, um mecanismo de sobrevivência na presença e ausência dos pais.

Na mesma linha Martins et al. (2016) analisa as distintas atribuições das mulheres e as características de sua actuação na pesca artesanal, com numa abordagem qualitativa com pressupostos de história oral e aspectos da abordagem etnográfica os resultados obtidos mostraram que, que a pesca artesanal é uma alternativa de subsistência, fonte de trabalho e renda para as famílias, ou seja, a mulher é responsável pela reprodução que ultrapassa o sentido das expressões “ajuda”, “auxiliar” ou “complementaridade” porque contribui significativamente para a formação da renda familiar e, representa o único rendimento familiar. Por isso, que para elas não existe a noção de risco, apenas importa assegurar suas necessidades de sobrevivência, independente do ambiente em que actua. Os autores concluem que, embora não seja reconhecido o papel das mulheres na actividade pesqueira pelos homens e as instituições, verifica-se uma dependência dos homens nas mulheres para actuação na actividade pesqueira, isto porque, são as mulheres que fazem o reparo dos instrumentos utilizados pelo homem na realização da actividade pesqueira.

Da literatura analisada foi possível compreender que a questão da pesca é entendida a partir dos homens, como uma actividade desenvolvida por homens, e as mulheres como auxiliares, ajudante, ou seja, as actividades na pesca artesanal e nas comunidades estudadas são muito influenciadas pela divisão sexual de trabalho. Mas, mesmo que se tenha em conta a masculinização da actividade pesqueira, por parte das instituições públicas e a comunidade, a presença da mulher na pesca possibilita a manutenção da própria actividade mediante manipulação de recursos, introdução dos filhos nas tarefas e conseqüente transmissão do conhecimento. Por outro lado, foi possível compreender que, das mulheres que fazem parte da actividade pesqueira não tem companheiro, o que influencia para a sua inserção, mas também reflecte o argumento de que, grosso modo, dessas mulheres desempenha no seio da família o papel de pai e mãe.

Mulheres na pesca artesanal em Moçambique

A literatura revista sobre a participação das mulheres na pesca artesanal no contexto moçambicano identificam situações de pobreza, vulnerabilidade, estar na condição de viúvas e actividade geracional como principais aspectos que levam as mulheres para a actividade pesqueira. Tal argumento é partilhado por Casimiro (2011) que considera que a adesão das mulheres a novas formas de cooperação extra-agregado familiar empondera-as por comparação a outros membros do agregado familiar. Muitas mulheres nestes grupos são viúvas, abandonadas, divorciadas ou separadas. A crescente participação das mulheres na renda familiar não é algo exclusivo desta década, mas sim a participação das mulheres em actividades geradoras de rendimento constitui em grande medida uma resposta aos programas de reajustamento estrutural em vigor desde finais dos anos 1980, à pressão económica, à perda de empregos assalariados onde estes existissem, à carestia de vida, ao desmantelamento das políticas sociais, especialmente nos sectores da educação e saúde, à falta de empregos e ao facto dos rendimentos agrícolas por si só não permitirem a manutenção e reprodução social das famílias (idem).

Massamba (2016) faz a contextualização do sector da pesca na história de Moçambique a partir de um estudo comparativo com o Brasil, com base em pesquisa bibliográfica o autor argumenta que no contexto moçambicano a participação das mulheres na pesca data deste o período colonial, servindo somente como ajudantes, pois o sector pesqueiro em Moçambique era uma das

actividades importantes que estava ligada as relações económicas, como as trocas comerciais. A autora considera que no caso de Moçambique, depois da independência, a actividade pesqueira continuou e continua a desempenhar um papel importante na economia dos distritos costeiros e representa a mais importante base de subsistência para as comunidades locais de Moçambique. Com base nestes aspectos, o governo de Moçambique aposta no desenvolvimento do sector da pesca e neste âmbito surge o fundo de financiamento a microempresas das mulheres. Esse tipo de acção tem uma dupla função, primeiro promover o desenvolvimento da pesca artesanal e consequentemente da pesca de subsistência, e o segundo promover o empoderamento da mulher.

Por sua vez, Nyamuzuwe e Cumbana (2017) exploram o fundo para a Promoção de Mulheres Empreendedoras (FPME) que é uma facilidade de financiamento no Projecto de Promoção da Pesca Artesanal (ProPESCA), que visa a melhoria dos rendimentos e os meios de subsistência das famílias envolvidas na pesca artesanal, através do aumento do volume de pescado de alto valor comercial numa base sustentável, como também aumentar os rendimentos obtidos do pescado comercializado. As autoras basearam-se em entrevistas e observações directas, os resultados obtidos mostraram que o fundo trouxe a transformação social, económica da vida das pescadoras, isto porque, a comercialização dos produtos com a ajuda do fundo possibilitou ao investimento na compra de material de conserva do peixe, para que este seja comercializado nas melhores condições e a preços que possibilitem um lucro melhor. Contudo, as mulheres ganharam possibilidades de construir as suas próprias empresas e se tornarem empresárias.

2.1. Definição de conceitos

Esta secção irei definir os conceitos que foram operacionalizados neste trabalho, nomeadamente: pesca artesanal, representação social.

Kuhocheta

A prática de *kuhocheta* consiste em lançar o anzol para garantir o pescado próximo a beira do mar. Essa forma de pesca está associada as mulheres

Kutsewa

A prática de *kutsewa* consiste no uso da rede para pesca no alto mar, está associado aos Homens e ao uso do barco ou chata.

Pesca artesanal

Borgonha (2008) define a pesca artesanal como uma actividade tradicional que exerce um importante papel histórico, social e económico.

Género

Para Scott (1995) género é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e também um modo primordial de dar significado às relações de poder. Género é um conceito socialmente construído e que muda consoante o contexto.

Casimiro (1995) argumenta que o conceito género constitui um complexo cultural e histórico, determinado consistentemente em relações sociais, instituições sociais, política bem como concepções do mundo que definem que a identidade dos indivíduos parte das diferenças entre homem e mulher, e estas construções são passíveis de contestação de modelo de legitimidade8 a forma ou o fundamento do seu reconhecimento ao longo do tempo.

2.2. Problema de pesquisa

A pesca artesanal é uma actividade antiga que data de início do séc. XVII, a mesma tem sido desempenhada por homens, sendo que a entrada de mulheres era interdita pelas leis e pelos próprios pescadores. Por um lado, a literatura sobre mulheres na pesca artesanal consta que nos últimos tempos a presença de mulheres nesse sector tem ganhado espaço na medida em que são chamadas para desempenhar determinados papéis como: puxar e concertar a rede, tirar mexilhão, comercializar o pescado, embora para alguns ainda seja considerado uma ajuda, facto que os leva a conclusão de que, a tarefa de mulheres na pesca artesanal é uma continuidade do trabalho

doméstico. Por outro lado, há autores, aqueles que olham para actividade da mulher na pesca como auxiliar a dos homens, na medida em que a presença da mulher na pesca artesanal constitui um mecanismo de transmissão de conhecimento de geração em geração.

A literatura analisada, por um lado, explica o contexto histórico do surgimento da pesca artesanal como actividade privilegiada de homens; por outro lado, mostra o quão a presença da mulher é negligenciada acabando por ser considerada “ajuda” e ou complementaridade das actividades de casa pela comunidade, bem como, pelas instituições do Estado. Este estudo pretende preencher uma lacuna na segunda perspectiva sobre a pesca artesanal que valoriza o trabalho de mulheres na pesca artesanal.

3. Metodologia

Este trabalho é de carácter qualitativo e baseou-se em entrevistas semiestruturadas e observação participante. Quivy e Campenhoudt (2005) defendem que as entrevistas têm como função principal revelar determinados aspectos do fenómeno a ser estudado em que sem as entrevistas o investigador não teria, espontaneamente, pensado por si mesmo e completar as pistas de trabalho que está a realizar.

As entrevistas semiestruturadas possibilitaram explorar o tema de forma mais ampla. Dado o facto de as entrevistas serem dirigidas a homens e mulheres pescadores que na maior parte deles não tem o nível de escolaridade elevado, as conversas informais deram mais abertura e espaço para a exploração do tema em alusão, de forma mais aberta. As conversas informais foram importantes porque deram possibilidade de abertura dos informantes para compreender diferentes perspectivas.

A observação consistiu em estar presente no momento das actividades que essas mulheres exerciam na pesca artesanal que incluía a chegada dos barcos com o pescado, o contacto entre as mulheres e os pescadores, a negociação do pescado entre os pescadores e as mulheres, a busca do canivete pelas mulheres pescadoras no mar, e a comercialização do pescado no mercado do peixe, do bairro dos pescadores na Costa do Sol (Malinowski 1978).

Em média, ficava cinco horas de tempo na área de estudo, que se divide entre a praia e residência dos pescadores. A observação consistiu na observação das actividades desenvolvidas pelos homens e mulheres pescadores, momento da chegada dos pescadores e a busca do pescado pelas mulheres. E uma vez que, a actividade da pesca dependia exclusivamente da previsão meteorológica, a observação decorria nos dias em que não chovia e nem tinha ventos fortes, e duravam todo o dia.

Com base na observação foi possível ver e ouvir eventos como pescadores trazendo peixe, mulheres se aproximando para buscar o peixe, mulheres tirando canivetes e amêijoa no mar, vendendo peixe no seu local de trabalho e por conseguinte captar as representações das mulheres na pesca artesanal.

O critério de selecção dos informantes foi com base na idade, anos de experiência dos pescadores, mas também me baseei na indicação por parte da chefe das mulheres pescadoras que mantivemos contacto desde o primeiro dia de trabalho de campo. Após a indicação dos informantes explicávamos aos informantes os objectivos do trabalho, como iria decorrer as entrevistas e a importância que as mesmas trariam para o seu trabalho de fim do curso.

O trabalho de campo decorreu na praia da Costa de Sol na cidade de Maputo entre os meses de Setembro e Outubro de 2019. Foram entrevistadas no total de doze informantes, dos quais seis homens e seis mulheres pescadores. A motivação para estudar pescadores na Costa do Sol surgiu pelo facto, deste ser um bairro no qual nasci e cresci e deste modo ter facilidade de circular e interagir com os pescadores e outras pessoas residentes no bairro. O segundo aspecto que foi o facto de possuir vários contactos de mulheres e jovens pescadores com os quais tive relações de amizade na infância, mas também porque, é no mesmo mar que na infância tirava canivete e amêijoas com minha mãe, e vendia no bairro da Costa do Sol.

Para além do apoio da minha mãe e suas amigas do bairro da Costa do Sol, a entrada no campo foi feita também mediante o Instituto Nacional de Desenvolvimento de Pesca e da Aquacultura (IDEPA) quando estava a estagiar, tendo efectuado algumas visitas nas praias de Costa do Sol, Katembe e mercados, locais onde se pratica a pesca artesanal e comercializam-se frutos do mar. Com base nessas visitas estabelecemos os primeiros contactos com mulheres na pesca artesanal e mulheres beneficiárias do Fundo para a Promoção de Mulheres Empreendedoras (FPME). No entanto não nos cingimos a estes contactos, pois o IDEPA apenas fazia visitas aos "casos de sucesso", e para um melhor entendimento das representações das mulheres na pesca artesanal preciso analisar diferentes casos, tanto os que são rotulados como sendo casos de sucesso e não.

O registo de dados foi feito com base no uso de caderno de notas e de um gravador, na medida que observava o local e os eventos ocorridos registava no caderno de notas, e quando as entrevistas decorriam as mesmas eram gravadas através do telemóvel. Após o registo dos dados elaboramos o relatório de campo, transcrição dos dados e organização dos dados mediante categorias.

A análise dos dados consistiu em interpretar os dados que os informantes forneciam, conciliar os dados com a literatura revista sobre as homens e mulheres na pesca artesanal, por forma, a

compreender as representações que as mulheres fazem sobre a pesca. A este exercício denomina-se triangulação de dados.

A saída do trabalho de campo foi tranquila, não houve barrulho, nem desentendimentos com os informantes, agradecemos aos informantes pelo tempo e informações fornecidas e explicamos que, no caso de existir algum aspecto que, não foi questionado no acto da entrevista ou que constitua uma dúvida, poderíamos voltar e contactá-los. Mas também informamos que, assim que tiver defendido o trabalho na universidade, voltaríamos para partilhar os resultados da pesquisa.

3.1. Constrangimento e superação

Durante a observação, enfrentei alguns constrangimentos referentes a observação do período da chegada dos barcos e como as mulheres retiravam o pescado do barco, incluindo o registo do que se debatia naquele momento entre as mulheres e os pescadores. O constrangimento deveu-se ao facto de os pescadores não terem único horário para ida e regresso do mar, pois estes dependem da maré. Contudo, como forma de contornar esse constrangimento foi necessário dormir em casa da minha mãe no bairro da Costa do Sol para acordar às 4:00 de madrugada e encontrar os pescadores a entrarem ou a regressar do mar.

No início algumas pessoas mostraram-se indisponíveis para participar das entrevistas alegavam que não sabiam falar a língua portuguesa, que tinham medo de dar uma entrevista, e outras porque já estava na hora de ir para casa para preparar as crianças e levá-las à escola. Contudo, para ultrapassar esse constrangimento foi possível entrar em contacto com outros informantes a partir de uma senhora vizinha que conheci no tempo que residia no bairro da Costa do Sol, em 2002, que tem um barco, faz parte do grupo de mulheres pescadoras e, é líder das mulheres no Conselho Comunitário de Pesca de Costa do Sol (CCPC) que ajudou na identificação e sensibilização das mulheres pescadoras para as entrevistas.

Dado ao facto de alguns informantes não terem frequentado a escola, por vários motivos, deste modo as entrevistas decorreram mediante o uso de duas línguas (português e changana), sendo

que a entrevista era feita em Changana e a transcrita para o Português, dado que a pesquisadora é fluente nas duas línguas.

3.2. Considerações éticas

Este estudo considerou a anonimidade, ou seja, não revela o nome dos informantes. Os nomes dos informantes que aparecem no estudo são pseudónimos para garantir a segurança dos informantes de possível interferência externa a sua vida quotidiana. A recolha dos dados foi realizada mediante o consentimento verbal informado, onde explicou-se os objectivos da pesquisa que seria para obtenção de grau académico. O consentimento informado serviu também para certificar que as pessoas não foram forçadas a participar das entrevistas, apenas o fizeram por livre e espontânea vontade (American Anthropologist Association, AAA 1996).

O facto de ser mulher pesquisadora, a realizar a pesquisa no bairro dos pescadores, Costa do Sol constituiu uma vantagem, porque, nos primeiros dias estava pela chefe dos pescadores (homens e mulheres) o que possibilitou o contacto com os informantes. Mas também, o facto de ser mulher pesquisadora contribuiu, na medida em que alguns pescadores puderam deixar as actividades e aceitaram sem reclamações participar das entrevistas. Com as mulheres pescadoras contribuiu porque, estas abriram-se, respondendo as perguntas da pesquisadora sem receio, e as diziam que não falavam bem a língua portuguesa, sentiram-se e falaram as duas línguas (portuguesa e changana).

3.3. Área do estudo

O bairro da Costa do Sol localiza-se no Distrito Municipal KaMavota, na cidade de Maputo. O mesmo tem uma população total de cerca de 16.828, sendo 8.336 homens e 8.492 mulheres. A densidade populacional é de 718 hab/km² (Rodrigues 2015).

Existe uma crescente presença de população estrangeira e “classe média alta” moçambicana vivendo no bairro da Costa de Sol, sendo que, a estrutura demográfica concentra-se mais num misto entre jovens e adultos na faixa etária entre 15-65 anos de idade. Devido ao crescente

número de migrantes no bairro fala-se Português, língua oficial, e várias línguas locais mais faladas no sul de Moçambique dentre as quais *Xichangana*, *Xironga*, *Cichopi*, *Xítsua* e outras línguas estrangeira como Inglês e Francês. A incidência da pobreza é de 0.532 (Município de Maputo 2007).

O bairro da Costa do Sol caracteriza-se pela concentração das principais actividades económicas da Cidade de Maputo e pelo facto de ser mais evidente os sinais de planeamento urbano e existência de serviços de saneamento. Neste bairro encontra-se empresas de construção civil, supermercados, restaurantes e edifícios habitacionais de diferentes tipologias, dentre os convencionais construídos com bloco, cimento, chapas de zinco, madeira e prédios.

Em termos de infra-estruturas económicas, sociais e religiosas é possível encontrar neste bairro hotéis, mercado de venda do peixe, um na Avenida Marginal e o outro na zona dos pescadores, um centro de saúde e clínicas privadas, igreja católica e pentecostais e uma mesquita.

O mercado da zona dos pescadores, área onde se desenvolve a pesca artesanal é composta por bancas de madeiras, barracas de madeira e zinco, casas ao redor de construção convencional, uma escola secundária e o centro de saúde do bairro, mais a baixo o mar onde as mulheres buscam o pescado nos pescadores.

Quanto ao tipo de entretenimento para mulheres, homens e crianças é possível encontrar barracas onde vendem bebidas, refrigerantes, e comida ao redor do mercado da zona dos pescadores, espaço recreativo na escola secundária, no Conselho Comunitário de Pesca da Costa de Sol onde desenvolvem várias actividades, e na praia da Costa do Sol.



Figure 1: www.costadosol.co.mz

[Acessado a 15 de Novembro de 2020]

4. Início da actividade da pesca artesanal

Em relação as actividades desempenhadas antes de iniciar a pesca artesanal os meus informantes mencionaram que as actividades predominantes são agricultura, pesca, cabeleireiro e lavandaria. O início de actividades das mulheres na pesca artesanal, grosso modo, desempenha as actividades de comerciante do pescado no mercado de peixe do bairro dos pescadores, sendo que algumas, antes de entrarem nessa actividade eram vendedoras ambulantes e faziam pequenos biscates: trançar cabelos e fazer biscates nas casas dos outros. Cossa, de 66 anos de idade, disse:

Antes eu era camponês, em 1982 até 1990 trabalhei como marinheiro, depois que perdi o emprego vim à Maputo a procura da vida que, estava difícil, acabei entrando na pesca como pescador.

Cossa mostrou que desempenhava várias actividades de longo prazo, que ofereciam algum rendimento, mas este não era suficiente para suprir as despesas que tinha consigo e a família. A afirmação de Cossa enquadra-se a de Martins e Aluim (2016) que referem que a pesca surgiu como uma actividade desempenhada pelo homem, resultante de dificuldades socioeconómicas, e de sobrevivência familiar. Migrar para Maputo e entrar na actividade de pesca foi a garantia de que poderia resolver alguns problemas económicos da família. Magaia, de 42 anos de idade, afirmou:

Cheguei aqui a desempenhar as actividades de redeiro e pescador e iniciei, trabalhando com os donos dos barcos quando a rede se estraga eles me chamam para concertar. Saio de casa as 6 horas e só regresso as 15 horas para casa, as vezes chego não há rede para concertar, por conta disso, vi a necessidade de procurar outras formas de sobrevivência, a partir dai, entrei no mar para pescar com outros pescadores.

Magaia que trabalhava como técnico de redes, concertava redes para a pesca nas casas dos pescadores, encontrando-se numa situação em que saia de casa para onde fazia os seus trabalhos e não havia trabalho, sentiu-se obrigado a engrenar noutras actividades como forma de aumentar o seu rendimento para satisfazer as suas necessidades e da família, facto que, o levou a entrar na actividade de pesca, como pescador. A afirmação de Magaia mostrou que trabalhar fora do mar e

reparar os instrumentos utilizados na pesca não é actividade das mulheres, mas de homens. Existem também pescadores que pelas imposições e necessidades do quotidiano tiveram esta actividade como a primeira remunerável. A afirmação de Magaia difere com a de Rodrigues et al. (2018) que afirma que durante muito tempo a actividade da pesca foi associada ao homem e a inserção da mulher nesta área está no desempenho das actividades de reprodução associada a pesca, efectuadas fora do mar, as vezes nas casas é tido como uma extensão a actividade de cuidar de casa. Jorge, de 27 anos de idade, contou:

Sou pescador desde os 14 anos de idade trabalho com todos, para começar a ir à pesca ninguém me disse, eu entendi sozinho que devia fazer alguma coisa e pedi os colegas para irem comigo à pesca e aceitaram-me levar, começou assim o meu trabalho como pescador, mas entrei nessa actividade porque há falta de trabalho, e por viver por aqui na zona de pesca e via todo mundo a fazer essa actividade de pescador.

Jorge demonstrou que, a sua entrada na actividade pesqueira foi movida pela necessidade de ter um trabalho e garantir o bem-estar da sua família, mas por outro lado, mostra que, o facto de viver perto do mar onde aconteciam as actividades da pesca artesanal, para quem procura pelo trabalho, influenciaram na escolha da actividade de pescador como uma opção para fugir do desemprego e suprir as necessidades diárias. Para além do Jorge que entrou na actividade por vontade própria, existem outros informantes que desempenham a actividade de pesca desde criança. Mandlate, de 28 anos de idade, disse:

Sou pescador desde os meus 17 anos de idade, o que me levou a entrar nessa actividade foi a vida que anda difícil, e para entrar nessa actividade comecei com meu pai que me levava quando fosse a pesca e depois comecei a ir sozinho, agora trabalho com o senhor Ernesto que é o dono do barco.

Mandlate demonstrou que entrou na actividade da pesca artesanal desde criança e por influência dos pais, que sempre desempenharam as actividades de pesca. Este caso mostra que os pais promovem a continuidade pesqueira na família, através da transmissão do conhecimento de geração em geração dentro da família. Langa, de 54 anos de idade, que disse:

Estou nessa actividade desde a minha infância, trabalho na pesca porque não tenho outra opção, para ir a pesca tenho que alugar barco quando volto entrego, e ninguém me indicou para fazer esse tipo de actividade, eu sou de Inhambane e pescava caranguejo com a minha Mãe dai quando vim para cá por estar a viver perto do mar decidi começar a pescar, trabalhamos duas pessoas. Para sair de casa dependemos da maré porque nós só entramos quando a maré começa a encher.

O inicio da actividade de Langa foi motivado por vários aspectos, pois, este refere que desde a sua infância pescava na companhia da sua mãe em Inhambane, mas as condições de vida em Inhambane não eram das melhores, facto que, o levou a migrar para Maputo, onde veio morar perto do mar, e por falta de opção a continuidade na área da pesca foi o único mecanismo de ganhar algum rendimento para a sua sobrevivência. Sebastião, de 27 anos de idade, contou:

Entre na actividade pesqueira não por falta de condições mais, sim por ambição de querer trabalhar ainda cedo, porque cresci sem pai, e a minha Mãe tinha barcos e eu tinha que ajudar de alguma forma por isso comecei a ir à pesca, área mecânica comecei a praticar quando vieram dar formação de como arranjar motores quando se estragaram e, eu me interessei porque queria reparar sozinho os motores dos barcos de casa, é uma actividade particular e a minha rotina diária é a pesca, meu dia começa às 3 horas que parto para pesca e só regresso às 17 horas.

A afirmação de Sebastião revelou a continuidade da prática pelo facto de o mesmo ter crescido numa família em que já existiam barcos e se exercia a actividade pesqueira, embora tenha entrado na actividade por ambição, o ambiente no qual cresceu, contribuiu para que este informante entrasse o mais cedo, ou seja, ainda criança na actividade da pesca, por outro lado, o conhecimento adquirido nas formações, bem como, na actividade pesqueira contribuem de certa forma a ajudar a manter os barcos, através da redução dos custos para manutenção dos mesmos, e sobretudo, no suprimento das suas necessidades e da família. Marozana, de 35 anos de idade, disse:

Comecei esse negócio como vendedora ambulante, vendia de casa em casa até que um dia consegui juntar dinheiro até ter uma banca, gosto do que faço não posso-me queixar desde que, iniciei esse trabalho já consigo dar os meus filhos o pouco que eles precisam, construí minha casa e tenho um pouco do que quero pra mim.

Marozana afirmou que iniciou a actividade como vendedora ambulante e com o tempo e o dinheiro arrecadado da actividade decidiu arranjar uma banca no bairro dos pescadores para comercializar peixe, e hoje em dia consegue dinheiro para arcar com as despesas das crianças, garantir o sustento da família, construir casa, mesmo sem a presença do marido. O depoimento de Marozana assemelha-se a de Cabral et al. (2009) que diz a inserção na actividade pesqueira é definida pelo facto de não ter companheiro, isto porque, as mulheres com companheiro têm poucas possibilidades de engrenar na actividade pesqueira pelo facto do próprio companheiro entender que a actividade da mulher é cuidar do lar, diferente das que não têm companheiro, porque a actividade pesqueira constitui-se como uma alternativa para suprir a renda familiar, pagar escola dos filhos. Joantina, de 44 anos de idade, explicou:

Houve um tempo que passava situação de crise na família, estava com o meu marido, mas mesmo assim havia crise, então, comecei a trançar cabelo e fazer trabalhos domésticos nas casas dos outros, tive algum dinheiro e pensei em seguir outras mulheres que via com bacias que falavam de ir guevar², então, comecei com pouca quantidade.

Joantina demonstrou que uma das motivações que a fez iniciar a actividade de comerciante de pescado foi a crise que se fazia sentir na família, e ressalta ainda que, mesmo com a presença do marido, sentiu-se na obrigação de primeiro tentar trabalhos como cabeleireira, empregada doméstica, para conseguir dinheiro e entrar na comercialização do pescado para ajudar no suprimento das necessidades de casa. Embora grosso modo, se encontre a desempenhar actividades de comércio, há quem iniciou a actividade indo ao mar para pescar e depois comercializar, mesmo sendo mulher. Terezinha, de 38 anos de idade, contou:

² *Guevar* – comprar produtos ou mercadoria em um fornecedor e revender para os outros.

Eu sou pescadora, iniciei essa actividade com ajuda da minha Mãe, já que ela estava nessa área há muito tempo e como eu era a mais velha de casa me levava para vender com ela e as pessoas falavam que, ela estava nos fazer sofrer, mais não era nada disso, ela queria nos mostrar o que, ela fazia para poder nos sustentar, quando ela perdeu a vida não tive outra alternativa a não ser continuar a fazer o que, ela fazia para poder sustentar os meus irmãos. Tenho dias para vender e para ir ao mar pescar, os dias que a maré vasa as 10 horas fico para vender e os dias que a maré vasa muito cedo as 6:00 vou pescar.

Terezinha demonstrou que a actividade pesqueira não é apenas dos homens, as mulheres também podem desempenhar, a sua história revela ainda que mesmo antes a mulher fazia parte dessa actividade como pescadora, falando concretamente do caso da mãe que a ensinou e motivou a entrar nessa actividade para ajudar a sustentar os seus irmãos.

Mita Mangalal (14.10.2019)



Figure 2: Pescador separando o pescado para vender



Figure 3: Mulheres negociando o pescado

Mita Mangalal (14.10.2019)

4.1. Motivação para entrar na actividade de pesca artesanal

Em relação a motivação para a entrada na actividade de pesca artesanal para os homens assim como, as mulheres destacam-se cenários de busca pela sobrevivência, falta de condições financeiras que condicionavam a problemas como falta de alimentação para as crianças, dinheiro para arcar com as despesas da escola. Alegria, de 35 anos de idade, disse:

O que me motivou a entrar nesse negócio de vender peixe foram as dificuldades da vida, pior porque não estudei, a única via que vi foi essa de vender peixe, ninguém me disse para entrar nessa actividade, as circunstâncias da vida é que me obrigaram, gosto do que faço porque é através disso que ganho o meu pão de cada dia e ajudo a criar os meus filhos.

Alegria é uma das mulheres que entrou no comércio do pescado motivada pelas circunstâncias da vida, e pelo facto de não ter estudado, mas mostra a importância do papel que esta actividade tem no bem-estar da sua família, pois ter entrando na comercialização do pescado trouxe rendimento para o suprimento das necessidades individuais e dos seus filhos. Existem mulheres que estão na actividade de pesca artesanal porque, são mães e pais nas suas casas. Marozana, de 35 anos de idade, afirmou:

O que me motivou a entrar nessa actividade foi ver os meus filhos a sofrerem sem ter nada para comer e para ajudar decidi começar a vender peixe para poder pôr eles a estudarem já que nem pai tem os meus filhos, ele fugiu nem sei onde anda.

Marozana demonstrou que a sua entrada na actividade da pesca artesanal foi motivada por factores de sobrevivência, que tornaram-se cada vez mais agravantes quando o marido abandonou a família, a partir daí houve necessidade de suprir várias necessidades dos seus filhos e da casa, porque esta é mãe e pai, passou a desempenhar dois papéis sociais. Rosalina, de 50 anos de idade, contou:

Comecei a vender, porque achei melhor para mim que vivo no bairro dos pescadores, como não terminei minha escola, então, achei o melhor para mim vender peixe, para conseguir sustentar os meus filhos, eu pago escola para eles, comida, cuidado da casa compro roupa tudo quem faz sou eu em casa.

O depoimento de Rosalina espelhou, a ideia de que, o facto de não ter estudado coloca-a numa situação de falta de emprego bem como de condições para o bem-estar da sua família. A motivação para entrar na actividade de comercialização do pescado, foi mais para lhe ajudar a suprir as necessidades diárias, como, arcar com todas as despesas dos filhos, da compra de roupas, garantir escola, e alimentação. E também pelo facto de estar a residir próximo a praia, que a fez optar pela via de comercialização do pescado.

Assim sendo, grosso modo, das mulheres que comercializam o peixe no bairro dos pescadores, bairro da Costa do Sol é motivada pela busca de oportunidades para o suprimento das necessidades diárias das suas famílias, primeiro, aliada a questões de serem mães e pais, na medida que devem arcar com todas as despesas dos filhos, da compra de roupas, garantir escola, alimentação e uma casa condigna (que reúne condições para se habitar). Em segundo, pelo facto destas residirem perto do mar, crescendo e vendo pessoas a desenvolverem aquela actividade.

A entrada para as actividades de comercialização do pescado e sobretudo, na pesca artesanal para algumas mulheres, resultou de vários processos e que para alguns incluem: o impulso de algumas pessoas, situações vividas no quotidiano, e sofrimento, aliado há falta de condições financeiras para o suprimento de algumas necessidades nas famílias. Marozana, de 35 anos de idade, afirmou:

O que me motivou a entrar nessa actividade, foi ver os meus filhos a sofrerem, sem ter nada para comer e para ajudar, decidi começar a vender peixe para poder por eles a estudarem, já que nem pai tem os meus filhos, ele fugiu nem sei onde anda, comecei esse negócio como vendedora ambulante, vendia de casa em casa até que um dia consegui juntar dinheiro até ter uma banca.

Marozana explicou que, ninguém a ajudou a entrar na actividade da pesca, mas ficou sensibilizada com o sofrimento que os filhos passam para terem alguma coisa para se alimentar, bem como, para arcar com as despesas da escola. De outra forma, podemos dizer que, o que ajudou Marozana a entrar na actividade da pesca é o sofrimento dos filhos. Sarita, de 36 anos de idade, explicou:

Entrei nessa actividade por causa da minha sogra, quando, eu cheguei no lar, ela fazia esse negócio de vender peixe, comecei, a andar com ela, e foi assim que,

acabei entrado também e não em arrependo porque, hoje em dia faço os meus xitiques sem depender de ninguém, compro minhas coisas não preciso pedir ninguém, ainda ajudo em casa, me sinto muito bem nesse negócio, amo o que faço.

Sarita é uma das mulheres que entrou na actividade da pesca por impulso da sogra, a mesma chegou no lar, encontrou a sogra vendendo peixe, com base nos seus ensinamentos engrenou na actividade, e hoje consegue ajudar em algumas despesas da família, e até participa de um sistema de poupança denominado *xitique*, facto, que a faz não depender de ninguém. Terezinha, de 38 anos de idade, contou:

Inicie essa actividade com ajuda da minha mãe, já que ela estava nessa área há muito tempo e como eu era a mais velha de casa me levava para vender com ela, e as pessoas falava que ela estava nos fazer sofrer, mais não era nada disso, ela queria nos mostrar o que ela fazia para poder nos sustentar, quando ela perdeu a vida não tive outra alternativa a não ser, continuar a fazer o que ela fazia para poder sustentar os meus irmãos.

Terezinha entrou na actividade da pesca com ajuda e influência da mãe. Começou como vendedora ambulante com a mãe, e hoje, tem uma banca própria no bairro dos pescadores na zona da Costa do Sol. O ensinamento transmitido pela mãe ajudou-a ganhar algum dinheiro e com a morte da mãe, a mesma ajuda a suprir as necessidades de casa e dos seus irmãos, dado ao facto de ela ser a mais velha de casa, e a responsável dos seus irmãos.

A motivação das mulheres para a entrada na actividade da pesca é acompanhada por vários processos, alguns marcados por péssimas condições de sobrevivências dos actores envolvidos (homens e mulheres), ter nascido perto do local onde decorre a actividade, e culminando com o facto dos actores envolvidos não terem estudados acaba obrigando-os a engrenar nessa actividade por ser a via mais fácil de entrar. O outro processo tem a ver com a transmissão do conhecimento da arte, que é de geração em geração, em casos, específicos são de sogra para nora, mãe para filha.

4.2. Relacionamento entre homens e mulheres na pesca artesanal

A actividade da pesca artesanal junta várias pessoas, desde homens e mulheres, e neste processo de negociação os actores interagem e constroem laços de amizade e relações de trocas comerciais. Mandlate, de 28 anos de idade, disse:

Com os outros pescadores a relação é boa porque cada pescador pesca seu tipo de peixe e todos ficamos com clientes para comprar o nosso peixe. Com as mulheres não há muita conversa chegamos e entregamos o peixe e falamos o valor e, eu não tenho uma pessoa fixa para entregar o pescado, quando encontro senhoras que querem comprar entrego e me dão dinheiro.

Mandlate demonstrou que na actividade da pesca artesanal a relação entre homens e mulheres é boa, porque os pescadores trazem variedade de peixes do mar, o que faz com que todos consigam fornecer o peixe as mulheres e essas por conseguinte, consigam clientes para comprar, porque vendem diversidade de peixes. Para além do Mandlate que não tem pessoa fixa para fornecer o peixe, existem pescadores que construíram relações de confiança e afinidades com mulheres. Cossa, de 66 anos de idade, disse:

A relação com os homens é boa e quando não há entendimento sentamos para resolver sempre, com as mulheres não há muita conversa quando chegamos levam o peixe e quando não tem dinheiro para pagar, entregamos mesmo assim depois de venderem vem para pagar.

A relação que existe entre homens e as mulheres na pesca artesanal é pacífica, na medida em que, quando existem certos problemas relacionados com a actividade de pesca e comercialização do pescado, os mesmos são resolvidos em conjunto e no momento é que os mesmos problemas acontecem. Quanto ao processo de comercialização do peixe, os pescadores fornecem o peixe a qualquer mulher que aparece, desde que tenha dinheiro para comprar. Mas existem aquelas que compram peixe nos mesmos pescadores, e essa relação frequente de compra de peixe no mesmo pescador, criou, uma relação de confiança por parte dos pescadores e mulheres, facto, que leva os pescadores a guardarem peixe para essas mulheres, mesmo não estando presente no local de comercialização do pescado. Esse aspecto de fornecimento do pescado, mesmo com a falta de dinheiro ou o dinheiro estar incompleto. Rosalina, de 50 anos de idade, disse:

Já estou habituada a trabalhar neste ramo de negócio, no início dificultou muito ter o primeiro peixe porque não estava habituada aos pescadores, não era próximo a eles tinha que andar atrás, para ter o peixe porque só davam pessoas que eles já conheciam e tinha que ter dinheiro para ter o peixe, mais agora já tenho os meus pescadores que quando chegam já sabem que esse peixe é da dona Martinha mesmo não estando lá eles entregam as pessoas que mando buscar, posso levar sem dinheiro e pagar depois porque já ganharam confiança em mim.

Rosalina demonstrou que a relação entre as mulheres e os pescadores é saudável, pois a falta de dinheiro no momento da chegada do peixe não interdita o fornecimento do peixe às mulheres, esta acção mostra que existe um espírito de confiança e cooperação por parte dos pescadores com as mulheres. Este espírito estendeu-se até à rede de comércio entre as mulheres no mercado do peixe do bairro dos pescadores. Alegria, de 35 anos de idade, contou:

A relação com outras mulheres é boa porque nós conversamos muito, por exemplo, quando chegam os pescadores com pouco peixe nós conversamos e dividimos entre nós para todas podermos ter pão para nossas casas, quando uma colega quer sair ela não precisa fechar a banca, porque podemos ficar a controlar. Com os homens a relação é boa, porque quando não temos dinheiro nos deixam levar a mercadoria porque já temos confiança por sermos compradoras já há muito tempo, quando chegam é só bom dia e levamos o peixe não temos muitas conversas.

Alegria levanta três pontos, o primeiro tem a ver com facto de que, a relação entre as mulheres é boa, porque, elas interagem constantemente sobre o trabalho que fazem, as dificuldades do mercado e da actividade por elas desenvolvidas, e como solução a esses problemas, adoptam normas de convivência no local de trabalho, que consistem em, quando chegarem os pescadores, comprarem e dividirem o pescado para que todas tenham mercadoria para comercializar e garantir pão nas suas casas. E, quando alguém precisa-se ausentar não precisa fechar a banca, porque, as colegas podem controlar o seu negócio. Com essas normas ou regras de convivência adoptadas no local de trabalho, contribuem para que a actividade não pare mesmo com a ausência de uma das mulheres pescadoras.

Os homens e mulheres envolvidos na actividade de pesca artesanal nas suas actividades diárias, fazem trocas comerciais onde os pescadores dão o peixe e as mulheres o dinheiro em troca. Nesse processo de trocas comerciais os mesmos criam relações de confiança que possibilitam a que mesmo não tendo dinheiro, os pescadores fornecem o peixe, e depois de vender as mulheres entregam o dinheiro, e por outro lado, relações de cooperação e de amizade, que possibilitam a que mesmo Rosalina estar ausente do mercado, pode ligar e pedir uma colega para buscar o peixe em nome dela, assim como, quando uma das mulheres pretende se ausentar da banca não precisa fechar, porque as colegas podem controlar e vender o peixe em seu lugar.

Esta forma de pensar as relações construídas pelos informantes na pesca artesanal enquadra-se na noção de Nohria et al. (1992) as redes de relações sociais como estruturas de laços entre os actores de um sistema social, onde os actores podem ser papéis, indivíduos, organizações, sectores ou Estados. Sendo que, os seus laços podem basear-se na conversação, afecto, amizade, parentesco, autoridade, troca económica, troca de informação ou qualquer outra coisa que constitua a base de uma relação.

4.3. Mulheres na pesca artesanal

No que se refere a presença das mulheres na actividade da pesca artesanal, alguns pescadores olham para o facto de ser a mulher quem vende o pescado, enquanto, os outros acrescentam a importância que a mesma tem dado para os pescadores terem condições de ir ao mar. Cossa, de 66 anos de idade, disse:

Nós entendemos que essas mulheres são pescadoras porque são nossas colegas, elas é que levam o nosso peixe quando voltamos do mar, sem elas não teríamos ninguém para entregar ou vender.

Cossa refere que as mulheres são também pescadoras porque, sem elas não haveria quem pudesse comercializar o pescado, e conseqüentemente isso mostra que as mulheres possuem um lugar na actividade da pesca, facto que é considerada colegas. Sebastião, de 27 anos de idade, afirmou:

Considero as mulheres pescadoras porque diariamente, elas estão aqui na praia, tudo que o pescador quer apanha nelas, quando os pescadores não têm dinheiro para combustível, elas fazem de tudo para ajudar para podermos ir à pesca.

Sebastião demonstrou a importância que as mulheres têm para a manutenção da actividade de pesca, e essa importância reside na ajuda que estas têm providenciado na actividade, tais como: ajudar em casos de falta de combustível para o motor, para entrar no mar. A afirmação de Sebastião difere de Martins et al. (2016) que diz que embora não seja reconhecido o papel das mulheres na actividade pesqueira pelos homens e as instituições, verifica-se uma dependência dos homens nas mulheres para actuação na actividade pesqueira, isto porque, são as mulheres que fazem o reparo dos instrumentos utilizados pelo homem na realização da actividade pesqueira. Rosalina, de 50 anos de idade, disse:

Me considero pescadora porque, sem os pescadores não somos nada e nem temos como ter o peixe para vender, acredito que eles pensam o mesmo porque, sem as compradoras ou vendedoras não vão vender o peixe.

Rosalina considerou-se pescadora porque entre os pescadores existe complementaridade, pois, sem compradoras os pescadores não teriam dinheiro para a sua sobrevivência, e não retornariam ao mar, enquanto as mulheres sem o pescado não teriam o que vender e, estariam em casa sem nada a fazer. A afirmação de Rosalina difere de De Melo (2009) que diz que, no que se refere ao significado do que é ser pescadora entre as mulheres, mesmo exercendo durante toda a vida esta actividade quase sempre se identificaram como donas de casa ou do lar. Terezinha, de 38 anos de idade, disse:

Me sinto pescadora primeiro porque, além de comprar a mercadoria nos pescadores, eu também as vezes vou tirar sozinha para vender, nós vendedoras sem os pescadores não temos nada a fazer e, eles também se nós não compramos como vão ter o dinheiro para as suas famílias ou para eles, então todos nós ajudamos em relação a esse aspecto.

Terezinha sublinhou por um lado, a ideia de complementaridade apresentada pelas colegas, ao referir que sem os pescadores não tem nada a fazer, e os pescadores sem as vendedoras não terão dinheiro para suprir as necessidades familiares e individuais. Por outro lado, a mesma opõe-se ao

afirmar que é pescadora porque, também entra no mar e busca o pescado para vender. Portanto, o caso da Terezinha mostra que, a presença da mulher na pesca artesanal não deve ser pensada a partir do termo auxiliar. A afirmação da Terezinha difere da De Melo (2009) que diz a influência que a divisão social de trabalhos tem na actividade pesqueira fomenta a desigualdade social e torna ainda mais invisível a valorização da mulher na actividade pesqueira por isso, que os trabalhos que são desempenhados pelas mulheres na actividade pesqueira são vistos apenas como ajuda ou até mesmo obrigação.

Quando se pensa a presença da mulher na pesca artesanal, através das entrevistas e observações, pude compreender que a mulher é também pescadora, porque a sua actividade de comercialização do pescado constitui uma complementaridade para os pescadores, garante a manutenção da actividade através da ajuda em dinheiro para compra de combustível para os motores dos barcos, bem como, há compartilha de responsabilidades entre ambos, porque as mulheres também vão ao mar a busca do pescado. Mas também importa referir que, a comercialização do pescado é uma actividade desempenhada em primeira instância pelos próprios pescadores com as mulheres pescadoras aquando da sua saída do mar e, em segunda instância é desencadeada pelas mulheres pescadoras com os demais clientes, no mercado do peixe do bairro da Costa do Sol.

Portanto, esta noção da presença mulher na pesca artesanal enquadra-se na ideia defendida por Marília et al. (2016) que diz que, nas actividades produtivas, catar mexilhão, remendar, soltar e puxar as redes de emalhe, e lavar, limpar e comercializar os peixes são tarefas executadas tanto por homens como por mulheres e, quando as mulheres exercem actividade pesqueira, executam as mesmas tarefas que os homens e a responsabilidade é igualmente compartilhada por ambos.

4.4. Desafios da pesca artesanal

A finalidade do valor adquirido na actividade da pesca artesanal em vários casos é usado para suprir necessidades mediatas dos pescadores e as mulheres que comercializam o peixe no mercado do bairro dos pescadores, e grande parte dessas necessidades são: comprar comida para casa, roupa, televisão e outras necessidades da casa. Jorge, de 27 anos de idade, disse:

Com o peixe que tiro do mar o mais importante para mim é vender para poder ter dinheiro para comprar comida para casa, comprar roupa e outras coisas que as vezes precisamos para casa, porque as vezes enfrentamos dificuldades, quando há falta de peixe ficamos sem dinheiro para sobrevivermos a vida fica mais difícil. Com os lucros tento guardar para qualquer eventualidade que pode acontecer porque eu trabalho com um objectivo que posso levar cinco anos para ter, eu gostaria de ter um motor e um barco só meu então luto para isso.

O depoimento de Jorge mostrou que o valor arrecadado pela actividade de pesca artesanal em alguns casos, não só serve para o suprimento das necessidades mediatas, tais como: comprar comida, roupas para as crianças, mas também serve para suprir necessidades de longo prazo como pagar escola para as crianças, comprar terrenos e construir, e comprar barco e motor. Mandlate, de 28 anos de idade, afirmou:

Com os lucros compro qualquer coisa que estamos a precisar em casa como televisão, organizar a casa. Com a outra parte faço minha casa no terreno que comprei, e comprei outro terreno em Marracuene, outro invisto na concertação das redes.

Mandlate mostrou que a necessidade de garantir a durabilidade e a compra de novos barcos e redes de pesca constituem um aspecto importante e relevante para a continuidade da actividade de pesca artesanal, porque vai garantir a sobrevivência da família, a escola das crianças, a construção de novas casas com os lucros que advém da pesca. Existem também os lucros que resultam da actividade da comercialização do pescado que é realizado pelas mulheres. Alegria, de 35 anos de idade, disse:

Com o lucro que não é muito, consigo organizar a casa e me satisfazer, quando quero capulana compro, outras coisas e também faço xitique semanal e outro mensal, porque quando há mudança de temperatura os pescadores não entram no mar, como esta semana, desde segunda até hoje que é sábado não há nada. Então, fazendo xitique consigo organizar minha casa e ajudar o meu marido a pôr comida em casa.

Alegria demonstrou que o valor arrecadado do comércio do pescado não é muito, mas o mesmo consegue suprir as necessidades diárias da casa e muitas vezes chega a complementar os esforços do marido nas despesas de casa, através xitique semanal e mensal que faz com as colegas do mercado de peixe. A afirmação de Alegria assemelha-se a de Martins et al. (2016) que diz que a pesca artesanal é uma alternativa de subsistência, fonte de trabalho e renda para as famílias, ou seja, a mulher é responsável pela reprodução que ultrapassa o sentido das expressões “ajuda”, “auxiliar” ou “complementaridade” porque contribui significativamente para a formação da renda familiar e, representa o único rendimento familiar. Joaquina, de 44 anos de idade, disse:

Com o dinheiro dos lucros estou a construir a minha casa, alimentar a minha família, pago todas as despesas dos meus filhos e da minha casa com dinheiro desse negócio. Tem tido recaídas porque quando há falta de peixe os preços sobem e os pescadores quando chegam medem em bacias ou caixas e nunca temos lucros, mas quando não tenho dinheiro vou falar com os pescadores, peço o peixe e vou vender, e depois devolvo dinheiro. Porque existe uma confiança entre nós. Até porque as vezes fazemos um xitique de 200mts diário aqui no mercado, as vezes emprestamo-nos dinheiro, mas não tem sido fácil.

Joaquina mostrou que o lucro do peixe comercializado no mercado tem sido útil para suprir várias necessidades e em certos casos serve de único meio de subsistência para a família, essa afirmação difere da Marília et al. (2016) que diz embora a actividade das mulheres represente um incremento na renda familiar, o valor é atribuída ao trabalho executado pelos homens e, geralmente, os que são desempenhados pelas mulheres na actividade pesqueira são vistos apenas como ajuda ou até mesmo obrigação.

Uma vez que o negócio tem tido recaídas em termos de lucro, aproveita-se da relação de confiança que tem com os pescadores para obter a mercadoria, quando não tem dinheiro ou está em falta. Mas por outro lado, as mulheres adoptam um sistema de poupança como mecanismo de interajuda denominado *xitique*³ por forma, a ajudar em caso de falta de dinheiro para obter outra mercadoria, bem como, para vários fins.

³Segundo Trindade (2011) o *xitique* é um sistema informal de poupança que pode ser diário, semanal, quinzenal, mensal, trimestral e que possui vários objectivos e finalidades, tendo em conta ao acordado pelos actores nele envolvidos.

O valor do *xitique*⁴ é por essas mulheres usado para a compra de produtos para vender, de material de construção para melhoria das habitações, o pagamento da escola e material escolar das crianças ou a compra de objectos para a casa, como loiça, electrodomésticos e mobília. Mas também é um mecanismo de reforço da solidariedade existente entre amigos, colegas ou familiares, mas também mostra como, as mulheres desempenham um papel importante na provisão de meios de subsistência às suas famílias, como é o caso, das mulheres pescadoras.

⁴ Sistema rotativo de troca de bens ou dinheiro entre membros de um determinado grupo.

5. Considerações finais

Este trabalho teve como objectivo principal analisar como homens e mulheres desenvolvem a pesca artesanal. O trabalho baseou-se no método etnográfico especificamente entrevistas semiestruturadas e observação participante. Os resultados do estudo mostraram que o início da actividade da pesca artesanal é marcado por várias etapas como a inserção em biscates, mas devido as condições financeiras e as necessidades familiares, a maior parte dos informantes viu-se obrigado a entrar na pesca artesanal para a busca de mecanismo de suprir as necessidades diárias da família. Mas alguns foram motivados questões do contexto, ou seja, o facto de viverem perto de onde decorre a actividade, e encontrando-se na situação de desemprego. E as outras por inércia dos pais, mães e tios que desempenhavam a actividade já há bastante tempo, fazendo a manutenção da actividade através da transmissão do conhecimento de geração em geração.

No decorrer da actividade a relação existente entre os pescadores e pescadoras é confiança e cooperação na medida em que, quando existe problemas no contexto onde decorre a actividade os mesmos são resolvidos em conjunto. Quando o pescado chega é fornecido as mulheres mesmo na falta do valor para o pagamento mediato do pescado, existem mecanismo de negociação, cooperação e confiança que possibilitam a que as mulheres tenham acesso ao pescado e efectuem o pagamento depois da comercialização do mesmo.

A presença das mulheres na pesca artesanal é vista como importante, porque entre ambos pescadores e pescadoras existe uma interdependência, na medida que a troca comercial que decorre na pesca artesanal garante a manutenção da actividade dos pescadores, porque os pescadores vendem e as mulheres compram o pescado, bem como, existem mulheres que entram no mar para pescar. A presença nesta actividade tem como finalidades a busca de mecanismos para o suprimento de necessidades diárias das famílias, e que grosso modo, são materializáveis mediante a prática do xitique, um sistema de poupança diário, semanal e mensal.

Assim sendo, os resultados permitiram concluir que a actividade de pesca que tradicionalmente era praticada por homens também é praticada por mulheres que são mães, esposas, viúvas o que demonstra que as percepções sobre a pesca artesanal estão a sofrer mudanças dentro do bairro dos pescadores no bairro de Costa de Sol na cidade de Maputo.

Referências bibliográficas

American Anthropological Association. 1996. *Ethical Code*. Washington: DC.

BECK, A. 1991. “Pertence à mulher: mulher e trabalho em comunidades pesqueiras do litoral de Santa Catarina”. *Revista de Ciências Humanas*, 7 (10): 8-24.

BORGONHA, M. & BORGONHA, M. 2008. “Mulher-pescadora e mulher de pescador: A presença da mulher na pesca artesanal na Ilha de São Francisco do Sul, Santa Catarina”. In: *Fazendo Género 8 - Corpo, Violência e Poder*. Florianópolis: UFSC, pp. 1-6.

CABRAL, M.; STADTLER, H. & TAVARES, L. 2009. “Mulheres pescadoras: género e identidade, saber e geração”. <http://itaporanga.net/genero/gt5/7.pdf> [Consultado a 17 de Julho de 2019].

CASIMIRO, I. 1995. “Estudos sobre Género em Moçambique: documento apresentado ao seminário Estatísticas Eleitorais e Género”. In: *Direcção Nacional de Estatística*, Maputo: CEA-UEM.

CASIMIRO, I. 2011. “Mulheres em actividades geradoras de rendimentos: experiências de Moçambique”. <http://www.cisaas.uevora.pt/download/EncontrosEmpreendedorismo/Artigo%20de%20Isabel%20Maria%20Casimiro.pdf> [Consultado a 20 de Julho de 2019].

CAPELLESSO, A. & ADEMIR, A. 2011. “Pesca artesanal entre crise económica e problemas sócio ambientais: estudo de caso nos municípios de Garopaba e Imbituba (SC)”. *Ambiente e Sociedade, Campinas XIV* (2): 15-33.

CUMBANE, R. 2015. “Análise do risco de incêndios urbanos no município de Maputo em Moçambique”. In: *Tese elaborada para obtenção do grau de doutor em território, risco e políticas públicas*. Lisboa: IGOT, Universidade de Lisboa.

DE OLIVEIRA, C. 2006. *O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever*. São Paulo: UNESP.

DE MELO, M.; LIMA, D. & STADTLER, H. 2009. “O trabalho das pescadoras artesanais: Coisa de mulher”. <https://bit.ly/2zWQiHm> [Consultado a 10 de Julho de 2019].

FONSECA, M.; ALVES, F.; MACEDO, M. & AZEITEIRO, U. 2016. “O papel das mulheres na pesca artesanal marinha: estudo de uma comunidade pesqueira no município de Rio das Ostras, Rio de Janeiro, Brasil”. *Revista de Gestão Costeira Integrada*, 16 (2): 231-241.

JODELET, D. 1989. “Représentations sociales: un domaine en expansion”. In: *Les représentations sociales*. Paris: PUF, pp. 31-61.

MALINOWSKI, B. 1978. *Argonautas do Pacífico Ocidental: um Relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné, Melanésia*. In: Prefácio de Sir James George Frazer (Tradução de António P. e Lígia A.). São Paulo: Abril Cultural.

MARTINS, M. & ALVIM, R. 2016. “Perspectivas do trabalho feminino na pesca artesanal: particularidades da comunidade Ilha do Beto, Sergipe, Brasil”. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciências Humanas*, 11 (2): 379-390.

MOTTA-MAUÉS, M. 1999. “Pesca de homem/peixe de mulher (?): repensando género na literatura académica sobre comunidades pesqueiras no Brasil”. *Etnográfica*, III (2): 377-399.

MINISTÉRIO DAS PESCAS. 2013. *Realizações do Sector das Pescas 2005/2013*. Maputo: Gabinete de imprensa e Relações Públicas.

MUNICÍPIO DE MAPUTO. 2007. *Perfil estatístico do município de Maputo, 2004-2007*. Maputo: Conselho Municipal de Maputo.

NOHRIA, N. & ECCLES, R. 1992. *Networks and organizations: structure, form and action*. Boston: Harvard Business School Press.

NYAMUZUWE, G. & CUMBANA, G. 2017. “Fundo de promoção de mulheres empreendedoras: ferramenta para empoderamento económico da mulher na pesca”. In: *Capitalização de experiências: lições para o desenvolvimento em Moçambique e no Brasil*. Maputo: CTA, pp. 71-75.

QUIVY, R. & CAMPENDHOUDT, L. 2005. *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.

RODRIGUES, D.; JORGE, C.; FREIRE, M. & LIANZA, S. 2018. “A participação das mulheres na pesca artesanal: uma pesquisa exploratória no Canto de Itaipu, Niterói, Rio de Janeiro”. *Revista, Tecnologia e Sociedade*, 14 (32): 173-193.

Scott, J. (1995). “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. *Educação & Realidade*, 20 (2), 71-99.

SOUZA, S.; MARTINEZ, S. & GANTOS, M. 2017. “Mulheres pescadoras: uma análise das produções bibliográficas acerca das relações de gênero no universo da pesca artesanal”. In: *13º Mundos das Mulheres e Fazendo Gênero 11: Transformações, Conexões, Deslocamentos*. Florianópolis: Seminário Internacional Fazendo Gênero. *Anais Eletrônicos*, pp. 1-12;

TRINDADE, C. 2011. “Convívio e solidariedade: práticas de xitique em Moçambique”. Brasil: XI Conlab, pp.1-12.

Apêndice

Apêndice 1: Guião de entrevista com mulheres na pesca artesanal

Identidade e perfil sociodemográfico:

- Idade
- Estado civil
- Número de filhos (separar rapazes e raparigas)
- Nível de escolaridade
- Ocupação

Representações e vivências das mulheres sobre a pesca artesanal

1. Quando e que iniciou esta actividade?
2. Que actividades desenvolvem na pesca?
3. Com quem trabalha? É um negócio particular ou da família?
4. Qual tem sido a sua rotina de trabalho diária?
5. O que a motivou a entrar nessa actividade?
6. Como se sente a trabalhar na actividade de pesca?
7. Como tem sido a relação com as outras mulheres envolvidas na pesca artesanal?
8. Como tem sido a relação com os homens?
9. O que faz com o pescado? Se vende, tem algum lucro?
10. O que faz com o dinheiro que ganha da pesca?
11. Quais são as principais dificuldades que encontram nessa actividade?
12. Faz parte de alguma associação ou organização de pescadores? Se sim, em que a associação/organização apoia?

Apêndice 2: Guião de observação aos pescadores

Aspectos observados:

1. Local da pesquisa (bairro dos pescadores na praia do Costa do Sol).
2. Trabalho desenvolvido pelas mulheres no local de trabalho.
3. Interação entre as mulheres pescadoras e outros actores (compradores, pessoas do Estado e do projecto que apoiam).
4. Características das pessoas envolvidas na pesca artesanal.
5. Mulheres e homens pescadores a interagirem no seu quotidiano (divisão de tarefas entre outros).